

GUERRISTAS E ANTIGUERRISTAS

AO POVO

GUERRA Á GUERRA

Abaixo de 1916

O povo português, que se extorce famélico, que morre à míngua de pão, acorda de ser impellido a cooperar na mais horrível e sangrenta carnificina que tem empolgado a humanidade.

Os senhores da governação, à ordem do governo britânico, lançaram este mísero povo na cadeia universal.

Neste momento, em que está definida claramente a situação e a quebra da neutralidade lusitana é já um facto, é necessário, mais do que nunca, revertermos as nossas afirmações anti-guerristas.

TRABALHADORES: — Homens ou mulheres, não deixeis de urgentemente escutar o vosso protesto enérgico.

Proletários, não dispis a blusa nobilitante do trabalho para envergardes a farda maculante de assassinos. Não marcheis para a guerra, não respondais à ordem da mobilisação. A vida, o bem-estar da vossa família assim o ordena.

O desapareço das vossas companheiras, os vossos filhos suplicando pão, ou vossos velhos pais na miséria será o resultado infalível da partida, pois que sois vós o seu amparo único.

MULHERES: — Mães, esposas, filhas ou namoradas, oponde-vos como leões à marcha dos vossos entes queridos. Não queirais que vão buscar a morte aos campos da batalha deixando-vos mergulhadas numa miséria através e na perpétua dor.

Mulheres, almas cândidas, corações singelos, apelmamos para os vossos sentimentos!

Mães! não deixeis arrebatrar vossos filhos do convívio doce do lar, imolados às crueldadíssimas e sanguinolentas guerras para gaudío dos exploradores do povo.

Soldados! à juventude audaz, reflecte, pondera, e vem confraternisar com a multidão de famintos a que pertenceis, que é a tua família subjugada.

O gente moça, ó produtores honrados! já que vos fizeram depór a ferramenta do labor que enobrecce, para empunhares a clava sangrenta que macula, vai, vai ferir, mas ferir de morte os teus impudicos inimigos.

Vai ter as armas, aniquilar vidas, mas não olvides que teus inimigos mais fevzes, os teus inimigos únicos, não se encontram além fronteiras, mas que vivem no solo que te foi berço.

Esses, a casta sordida de burgueses anafados,

**Abaixo a guerra!
Viva a humanidade livre!**

que engostam enquanto estalas de miséria é que devem ser o alvo da tua pontaria certaíra.

Que o povo português — diz-se — para honrar compromissos internacionais, tem de jogar o seu destino, compartilhando da tragédia espantosa que se desenrola ferozmente nos campos ensanguentados da Europa.

Mas que tem o povo, o povo que labuta e morre de miséria, com compromissos que não tomou, com tratados que desconhece, com negociações para que não foi consultado!

Tudo balelas com que se pretende ferir mais fundo o nosso já misérrimo viver. O povo produtor nada tem com alianças políticas e negociações diplomáticas.

A aliança que lhe deve interessar, e para que deve agir, é a aliança imelrita, potente, inquebrantável de toda a família proletária contra a burguesia dominante.

Tu, povo da região portuguesa, que vens sendo flagelado pelas consequências económicas da guerra, não queiras a tua miséria acrescida, com a breve partida de teus filhos.

A carestia da vida, obra dos açambarcadores sem escrúpulos, assume proporções assistadoras e os que osam rebelar-se contra este estado de coisas, saindo à praça pública na exteriorisação de protestos indignados, tem de defrontar-se com as *manças* dos defensores da ordem ao serviço da burguesia imperante.

Quando os homens do governo promovem uma escalada afrontosa a toda a liberdade de pensar, fechando arbitrariamente organismos obreiros, estabelecendo a censura prévia e enchendo as masmorras da república de mil peitos revoltados, é que se pretende arrastar os trabalhadores deste país para o massacre estupendo.

Não, o povo não quer a guerra.

TRABALHADORES: — Homens, mulheres ou crianças, ergnei um clamoroso e unânime grito de revolta justificada.

A guerra só tráz luto, miséria, pranto e dor. As casas incendiadas, as mulheres entregues à sede dos estupradores, as crianças estorcendo-se na dor, é o pavoroso espectáculo que nos espreita.

Mas não, a massa proletária descendo dos tugúrios em que apodrece, na demonstração da sua nudez, na exposição dos corpos esqueléticos, há-de saber gritar grandemente, num clamor atrozante e impávido:

PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

«GUERRISTAS»

E

«ANTIGUERRISTAS»

ESTUDOS
E
DOCUMENTOS

APRESENTAÇÃO
DE
JOÃO MEDINA

CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

LISBOA
1986